

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT03.025

VIRIATO CORRÊA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MARANHENSE: UM ESTUDO DE “CAZUZA”

Rosyane de Moraes Martins Dutra¹

Aryane Borges Ribeiro²

Laryssa Rabelo Pereira³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações da infância e escola presentes na obra *Cazuza* (1938) de Viriato Corrêa, contextualizando-as no cenário histórico maranhense. O estudo visa compreender como a literatura retrata e interpreta a infância no Maranhão ao longo do tempo, destacando as principais características e mudanças nas representações sobre a escola. Para embasar a nossa discussão, utilizamos como referenciais teóricos os trabalhos de Lacroix (1982), Penteado (2002), Cavalcante (2012) e Ferro (2010) para a compreensão dos contextos históricos e educacionais abordados. Nesse estudo adotamos uma abordagem qualitativa, utilizando a análise literária detalhada. A partir da pesquisa, percebemos que a obra *Cazuza* (1938) traz uma reflexão profunda sobre a dinâmica da educação e da infância no Maranhão do século XIX ao XX, em que Viriato Corrêa narra com uma riqueza de detalhes as transformações sociais, culturais e educacionais da época, principalmente no que se refere às nuances do ensino na dualidade rigidez-acolhimento e seu impacto na formação pessoal da criança. Dessa forma, buscamos contribuir para um maior entendimento da história da educação e da

1 Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Gestão do Ensino na Educação Básica – PPGEEB/UFMA, rosyane.dutra@ufma.br;

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, aryane.ribeiro@discente.ufma.br;

3 Mestranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, laryssarbelop@gmail.com;

infância maranhense por meio da pesquisa literária, possibilitando novos estudos e interpretações do cenário sociocultural do Maranhão.

Palavras-chave: Infância, Escola, Literatura, Maranhão, Viriato Corrêa.

INTRODUÇÃO

Viriato Corrêa, nascido no modesto vilarejo no interior do Maranhão, destacou-se como autor cujas obras foram amplamente aclamadas por críticos e apreciadores, revelando sua singular perspectiva sobre o mundo ao transformar suas vivências e memórias em palavras. Além de sua contribuição literária, ele também desempenhou um papel significativo na esfera política de sua época e se envolveu no jornalismo e dramaturgia. Com uma escrita de estética única e inesquecível, Viriato Corrêa deixou um legado que continua a inspirar e cativar leitores e estudiosos da literatura brasileira. Ao longo dos 3 capítulos da obra *Cazuza*, somos apresentados ao dualismo entre o pequeno Cazuza e o narrador, já adulto, refletindo sobre as vivências do passado por meio de um diálogo direto com o seu eu-lírico criança, principalmente no que se refere à família, ao contexto histórico da época e a sua relação com a educação, assim como seus laços sociais (Santos, 2014).

A infância é historicizada na obra por meio de suas memórias mostrando a imagem da criança naquela época. Sua escrita nos aproxima de seus momentos e nos faz reviver a criança que um dia fomos, ao mesmo tempo que nos envolve com sua escrita, compartilhando seus medos, inquietações, certezas e alegrias. Ao nos debruçarmos sobre a obra de Viriato Corrêa, nosso objetivo era desvendar as representações de escola presentes nessa narrativa, especialmente aquelas que lançam luz sobre as práticas pedagógicas da época no estado do Maranhão. Por meio dessa análise bibliográfica e literária⁴ buscamos compreender como o autor-personagem, imerso nas vivências do interior do Maranhão, retrata a educação e as experiências escolares na região, inicialmente, dos municípios entre Pirapemas e Coroatá, depois, na capital São Luís.

Ao examinar com um olhar atento, a pesquisa resolveu lançar luz sobre o contexto escolar do período (anos 1930), revelando aspectos das relações entre alunos e professores, os desafios da aprendizagem, as dinâmicas da sala de aula e a influência desse ambiente na formação das crianças. Portanto, ao buscar compreender as representações de escola na obra *Cazuza*, estamos também traçando um retrato do cenário educacional do Brasil e do Maranhão e explo-

4 A pesquisa literária, exige a análise com aprofundamento teórico de obras que trazem importantes discussões para o tempo presente. No caso da obra *Cazuza*, destacamos a educação das crianças e suas representações na sociedade maranhense.

rando as nuances das práticas pedagógicas da época, contribuindo para uma compreensão mais ampla da história da educação no Brasil.

O CONTEXTO INICIAL DA VIDA DE VIRIATO CORREA: UM POUCO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO

Viriato Corrêa nasceu em um período de transformações políticas e sociais no Brasil, no final do século XIX, quando o país passava por mudanças significativas. Nesse momento, a monarquia imperial estava em declínio, culminando na transição para a República em 1889. Entretanto, mesmo com a mudança de regime, o país enfrentava desafios sociais profundos, incluindo a abolição da escravidão, ocorrida em 1888. Embora esse evento tenha representado um passo importante, os ex-escravizados enfrentavam condições precárias, com falta de terra, educação e recursos, enquanto a sociedade ainda enfrentava fortes preconceitos raciais. Esses contextos históricos moldaram não apenas a sociedade em geral, mas também o ambiente em que Viriato Corrêa cresceu, influenciando diretamente as questões sociais e culturais presentes em suas obras. De acordo com Fausto (2006):

A escravidão foi uma instituição nacional. Penetrou toda a sociedade, condicionando seu modo de agir e de pensar. O desejo de ser dono de escravos, o esforço por obtê-los ia da classe dominante ao modesto artesão branco das cidades. Houve senhores de engenhos e proprietários de minas com centenas de escravos, pequenos lavradores, com dois ou três, lares domésticos, nas cidades com apenas um escravo. (Fausto, 2006, p.62).

As mudanças ocorridas na Europa, particularmente no contexto das revoluções industriais e das transformações políticas, reverberaram em suas colônias, incluindo o Brasil. Estas mudanças, como Gadelha (1989) destaca, influenciaram as relações de dependência entre colônias e metrópoles. No entanto, apesar dessas alterações nas dinâmicas de poder e controle, as relações fundamentais de produção nos países colonizados não foram substancialmente transformadas.

Segundo o autor, o sistema de produção dessas colônias ainda estava fortemente enraizado em estruturas familiares, como a grande propriedade ou plantation, focada na monocultura destinada à exportação e altamente dependente da mão de obra escrava. Em meio a este cenário, ele destaca a

vulnerabilidade do homem livre, quer fosse um lavrador modesto ou um artesão (Gadelha, 1989).

A organização socioeconômica da época priorizava e fortalecia os direitos de propriedade da terra, pressionando tais indivíduos a se submeterem às demandas do sistema. Gadelha (1989) conclui que a independência e autonomia do homem livre eram comprometidas diante da dominância das grandes propriedades e da estrutura socioeconômica predominante.

O período imperial brasileiro, que se estendeu de 1822 a 1889, foi uma época marcada por profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Após a Proclamação da Independência por D. Pedro I, o Brasil deixou de ser uma colônia portuguesa e iniciou sua trajetória como nação independente. Segundo Fausto (2006):

Por mais dignas de atenção que tenham sidos as rebeliões nordes-
tinas, o fato é que os rumos do país foram traçados, com menores
sobressaltos e mudanças, a partir da capital e das províncias à sua
volta. Foi assim na independência, e seriam assim no episódio da
queda do imperador. Em março de 1824, Dom Pedro I, dominava
a cena, tendo condições políticas para dissolver a Constituinte e
baixar a Constituição. Sete anos depois, foi obrigado a abandonar
o trono. (Fausto, 2006, p.145).

A estrutura monárquica, embora tenha se mantido alinhada a certas tradições europeias, teve que enfrentar e se adaptar a desafios peculiares do contexto brasileiro. Neste cenário, personalidades, eventos e movimentos literários surgiram e influenciaram diretamente o rumo da nação e a formação de uma identidade cultural própria. No contexto econômico inicial, a província do Maranhão desfrutou de um *boom* na produção e exportação de algodão. A demanda internacional cresceu, especialmente durante a Guerra Civil Americana⁵, quando a oferta dos Estados Unidos foi interrompida. Contudo, o cenário mudou rapidamente após a guerra, com a retomada da produção algodoeira americana, fazendo com que a economia maranhense enfrentasse novos desafios significativos em suas transações comerciais.

5 Também conhecida nos Estados Unidos como a Guerra Civil ou Guerra de Secessão, foi um conflito armado ocorrido entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos. A guerra teve origem principalmente devido a tensões políticas e econômicas entre os estados do Norte, industrializados e abolicionistas, e os estados do Sul, agrários e escravagistas. A questão central do conflito foi a abolição da escravidão. O Norte saiu vitorioso, resultando na preservação da União e na abolição da escravidão.

Segundo Viveiros (1954), a escassez de algodão-moeda no Estado do Maranhão e Grão-Pará levou a uma profunda dependência dessa *commodity* como meio de troca. Em 1684, perante esse cenário, o governo tomou a decisão de intervir. Foi determinado que os assentistas do estanco deveriam introduzir anualmente mil cruzados no Estado, com a predominância em cobre e uma parte em moedas de prata, estas últimas com valor até 200 réis.

Viveiros (1954), ainda destaca uma medida preventiva tomada na época: para assegurar que a prata não fosse indevidamente fundida em obras, foi estabelecido que as principais cidades, São Luís e Belém, tivessem apenas um ourives. E, a fim de garantir a origem legítima da prata trabalhada, cada procedimento necessitava de justificação perante o ouvidor. A madeira foi um dos produtos extrativos muito visado pelo colonizador francês do século XVII em sua atividade exportadora, especialmente o pau-brasil que teve grande cotação no mercado europeu, oferecendo, assim, avultados lucros ao mercador. (Lacroix, 1982).

A Proclamação da República em 1889 foi um divisor de águas na história brasileira, marcando o fim da monarquia e a transição para um novo regime político. Esse período de mudança política e social profunda teve um impacto significativo na vida e obra de muitos intelectuais da época, incluindo Viriato Corrêa. Nascido apenas cinco anos antes desse evento histórico, Corrêa cresceu durante os primeiros anos tumultuados da República, um cenário que sem dúvida influenciou sua visão de mundo e se refletiu em sua literatura.

Lacroix (1982) destaca a continuidade do processo de dependência econômica tanto no período colonial quanto no império, caracterizada pela exportação de produtos agrícolas e pela importação de produtos manufaturados. Essa dependência é evidenciada, segundo Lacroix (1982) pela instabilidade do volume de negócios no Maranhão, que foi influenciado pelas flutuações dos preços de seus produtos no mercado internacional e pela tendência histórica de deterioração das relações de troca.

O Maranhão, com sua história única e localização estratégica, viu uma série de eventos que moldaram sua cultura e identidade. A influência do Grão-Pará, por exemplo, é notável em aspectos da cultura maranhense, desde sua culinária até suas tradições literárias. E Viriato Corrêa, com sua sensibilidade aguçada, conseguiu capturar essas nuances em sua obra.

Lacroix (1982) argumenta que o fortalecimento das relações comerciais entre a Baixada Maranhense e a Europa foi uma consequência direta do advento

do capitalismo industrial, que começou na Europa por volta de 1760 e se consolidou no século XIX. Esse novo sistema econômico marcou o início de uma fase distinta na distribuição do poder político e econômico no Ocidente.

O processo crescente de urbanização, ocorrido nas principais capitais de Províncias do Império do Brasil durante o século XIX, não estava associado, como nos países europeus, ao desenvolvimento das grandes indústrias, movimentadas pelo capitalismo industrial e financeiro. O século XVIII foi marcado pelo desenvolvimento da mineração, o que assegurou o surgimento de uma nova classe intermediária ligada ao comércio e concentrada na zona urbana, que se acentuou no século seguinte.

Na primeira metade do século XVIII, Portugal experimentou mudanças significativas na gestão administrativa sob o governo de Marquês de Pombal. Este último implementou reformas educacionais que ecoaram no Brasil, deslocando a autoridade educacional da Igreja para o Estado. Consequentemente, estabeleceu-se um modelo de ensino voltado e controlado pelo Estado.

Ao mesmo tempo, no Maranhão, Lacroix (1982) descreve um cenário semelhante:

Em 1766, a Companhia Geral de Comércio distribuiu sementes do arroz branco que logo foi plantado nos campos da Baixada e no vale do Itapecuru. Com isso, o Maranhão passou a ser um dos grandes exportadores de produtos nas últimas décadas daquele século. (Lacroix, 1982, p.25).

No Brasil do século XIX, a economia ainda mantinha uma forte base agrária, com um desenvolvimento industrial incipiente. A urbanização, ao contrário do que ocorreu na Europa, não foi impulsionada por forças semelhantes. Com o crescimento das cidades, novas atividades e serviços foram surgindo, resultando em um notável desenvolvimento da produção artesanal e manufatureira.

Durante o século XIX, o país ainda estava fortemente baseado em uma economia agrária, e o desenvolvimento industrial era incipiente. A urbanização brasileira não foi impulsionada pelas mesmas forças que na Europa. Embora existissem fatores econômicos envolvidos, como a centralização do poder e a necessidade de administrar as províncias, a urbanização no Brasil pode ter sido influenciada por outras variáveis, como o comércio local, as decisões político-administrativas, e até mesmo fatores culturais. Foi nesse contexto histórico complexo e dinâmico que Viriato Corrêa emergiu como uma figura significativa no cenário literário brasileiro.

O CONTEXTO DO ESTADO NOVO E AS INFLUÊNCIAS NA VIDA LITERÁRIA DE VIRIATO CORRÊA

“A Revolução de 1930, lançando Viriato ao ostracismo político, a ponto de lhe ter tirado o emprego e fechado as portas da imprensa, não teve forças para destruí-lo. Amigo de Júlio Prestes, a quem o movimento rebelde arrebatou a Presidência da República, caiu com ele, suportando os revezes das hostilidades mais estúpidas. Quando he vasculharam a vida, só encontraram a pobreza à sua volta – na casa singela, na mesa de trabalho, nos livros em brochura.” (Josué Montello, Diário da Manhã, 1988)

A revisão desse momento histórico, que se destaca pela Revolução de 1930, é válida, pois Viriato mesmo reconhece que foi um ponto de virada em sua trajetória como intelectual maranhense. Após a chegada do movimento revolucionário liderado por Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, Viriato Corrêa foi detido e preso. Isso porque, segundo Hércules Pinto (1966), teria sido incitado pelo então presidente da República, Washington Luís, a ir à Rádio Sociedade – única existente naquele momento, e de propriedade de Roquete Pinto – e desmentir a existência de uma revolução visando acalmar os ânimos da sociedade brasileira. É preciso lembrar que, nessa época, o intelectual estava em pleno mandato de deputado federal pelo Maranhão.

Eleito em 1927, tinha, na manutenção do governo de Washington Luís, a defesa de seus próprios interesses e da posição política e intelectual que ocupava naquele momento. Como explica seu biógrafo Hércules Pinto, “defendia o regime que lhe agradava, defendia seu bem estar, defendia uma situação, defendia sua vida. E era perfeitamente normal, lógico, que pusesse nessa defesa todo seu ardor e sua coragem.” (Pinto, 1966, p.170)

Conforme Cavalcante (2012), as posições políticas adotadas por Viriato Corrêa após a Revolução de 1930 resultaram em consequências notáveis para sua carreira jornalística. Sua demissão do jornal A Noite, onde mantinha uma coluna desde 1927, marcou o início da rejeição de seu nome no campo literário. A coluna “Microlândia”, em que abordava figuras políticas e intelectuais da época, foi suspensa após sua saída. O comunicado oficial emitido pelo redator-chefe Eliezer Leal de Souza, intitulado “O caso do Sr. Viriato Corrêa”, explicou que sua dispensa derivou da incompatibilidade entre a orientação política do jornal e as declarações pró-governo destituído que Corrêa fez nas rádios, durante

seu mandato como deputado federal. Essa situação destaca a influência política marcante no cenário jornalístico do período pós-Revolução de 1930.

De acordo com Cavalcante (2012), o afastamento de Viriato Corrêa do jornal *A Noite* desencadeou um período de perseguição política e intelectual. Auxiliado por Estelita Lins, então diretor da Cruz Vermelha e um grande amigo, Corrêa encontrou refúgio no Hospital da Cruz Vermelha e posteriormente no Hospital da Praça da República (hoje Souza Aguiar), após ser preso por um período pouco superior a um mês. Sua liberdade foi concedida pelo deputado Hugo Napoleão, também maranhense, que o acolheu. Ao retornar para casa, Viriato enfrentou as sequelas das doenças adquiridas durante o período de detenção, além do distanciamento da esfera política e intelectual. A rede de amigos foi crucial para amenizar sua situação, representando um apoio inestimável em momentos difíceis.

Assim, torna-se claro que o contexto era extremamente desafiador e cheio de obstáculos, culminando em dificuldades financeiras consideráveis para o intelectual e sua família, devido à escassez de oportunidades de emprego. De acordo com o relato de Hércules Pinto na biografia dos anos 1960, Viriato Corrêa enfrentou rejeição por parte de todos os jornais nos quais tentou se candidatar a uma vaga de emprego.

Restabelecido, foi para a rua ganhar dinheiro. Como jornalista, o caminho a seguir era o da redação dos jornais. Todos lhe fecharam as portas. Os diretores não se achavam com coragem de receber sua colaboração. Seu nome assinando um artigo seria uma provocação aos deuses do momento. Nada de Viriato Corrêa! Silêncio sobre Viriato Corrêa! (Pinto, 1966, p.185)

Meireles (1955) categorizou a literatura maranhense em cinco fases distintas. A primeira remonta aos séculos XVII e XVIII, caracterizada pelas crônicas dos capuchinhos franceses sobre a terra. O segundo período, no início do século XIX, é marcado por ensaios e esboços de uma literatura local considerada medíocre e transitória. O terceiro e quarto quartos do século XIX são identificados como o auge do romantismo maranhense, liderado por doutores formados em Coimbra, como Sotero Reis e João Lisboa, conferindo ao Maranhão a alcunha de 'Atenas Brasileira'. O último quarto do século XIX testemunha a saída de renomados literatos, incluindo Aluísio Azevedo, Coelho Neto e Graça Aranha, que, diante de dificuldades econômicas, buscam projeção nacional com manifestações naturalistas e parnasianas. Já entre 1894 e 1932, surge o 'decadentismo', um período de

tentativa de reação ao êxodo de intelectuais, com grupos e sociedades literárias visando restabelecer o prestígio da ‘Atenas Brasileira’.

Ferro (2010) destaca que no bojo do retorno de maranhenses ilustres ao estado natal está uma visita de Coelho Neto, em junho de 1899, evento determinante para a retomada da vocação intelectual do Maranhão, influenciando jovens literatos, como Humberto de Campos — “a juventude maranhense, vencida antes de combater, toma-se de coragem” (Campos, 1960, p. 23) — e Antonio Lobo — “o entusiasmo despertado pela presença do festejado escritor” prepara “o belíssimo movimento que ora se nos depara na velha Atenas Brasileira” (Lobo, 1909, p. 64). Tal movimento consistiu na criação da Oficina dos Novos, em 28 de julho de 1900, agremiação que publicou jornais, periódicos e livros.

Durante as décadas seguintes, Viriato Corrêa conquistou grande notoriedade como autor, evidenciada pela quantidade de entrevistas concedidas à imprensa brasileira, onde revisitava e narrava sua trajetória. Embora sua produção literária tenha diminuído nesse período, lançou alguns livros, como “Curiosidades da História do Brasil” (1952) e “História da Liberdade no Brasil” (1962), ambos direcionados ao público infantil. O último livro teve um impacto marcante devido ao seu design gráfico ousado, resultado da colaboração com o designer austríaco Eugênio Hirsch e a Editora Civilização Brasileira, gerando grande repercussão. A “História da Liberdade” tornou-se um sucesso, sendo adaptada pela escola de samba Acadêmicos do Salgueiro e transformada em enredo no carnaval de 1967, em um período marcado pela ditadura militar.

Às seis horas, para começar bem o dia, escancarei a janela do gabinete, já banhado e barbeado. E como o dia é de sol, havia sol no Corcovado, banhando o Cristo. Senti que o Cristo me dizia, lá de cima: ‘Já na luta, Viriato? E nessa idade?’ Logo respondi, inclinando a cabeça para um lado, como Dom Helder Câmara: “É verdade, Senhor. Louvado seja Deus. Eu também chamo a mim os pequeninos, porque estou fazendo outro livro como o Cazuza. (...) Senti que o Cristo gostou. Não te digo que tenha mexido os braços. (...) Mas senti que sorria, feliz, todo coberto de sol. (...) Ele também sabe que hoje é o dia dos meus anos. (...) E também sabe que eu quero viver um pouquinho mais. Para acabar o novo livro. E também o outro, que eu vou começar logo depois: Os Santos da História do Brasil. (Montello, 1988, p. 13)

Em 10 de abril de 1967, aos 83 anos, morreu Viriato Corrêa. Em importantes periódicos da época, como o Correio da Manhã e Diário de Notícias,

são veiculadas notícias acerca do falecimento, acompanhadas, como é usual, da longa retrospectiva da vida intelectual do autor. Destacam-se as principais obras, os jornais onde ele trabalhou e a persistência para eleger-se acadêmico.

MEMÓRIAS DE UMA EDUCAÇÃO: A OBRA CAZUZA E A INFÂNCIA NO MARANHÃO

A análise da trajetória intelectual de Viriato Corrêa revela uma aposta significativa em 1906: sua incursão na escrita voltada para o público infantil na coluna “Gazeta das Crianças” do jornal Gazeta de Notícias. Essa incursão não apenas impulsionou as vendas do periódico e contribuiu de maneira lúdica para o ensino, mas também desempenhou um papel crucial em sua carreira literária. A receptividade maciça entre o público infantil estimulou seu interesse na criação de obras dedicadas às crianças, culminando na elaboração de “Cazuza”. Além de seu prestígio como contista, cronista e teatrólogo, essa incursão na literatura infantojuvenil foi determinante para seu ingresso na Academia Brasileira de Letras em 1938, evidenciando sua vocação como mediador cultural (Ferro, 2010). Esses passos ressaltam não apenas a sensibilidade de Corrêa para a escrita infantil, mas também sua influência significativa no cenário literário e cultural brasileiro. O seu primeiro lar representou seu ponto de partida na educação e vida social, a vila marcou o período de adaptação, e a cidade assinalou o encerramento de um ciclo que, como previsto, se transformou em um tesouro devido à sua significância.

As três escolas parecem traçar uma linha evolutiva na educação do país e também parecem coexistir no mesmo Estado, em regiões diferentes. Daí percebem-se a diversidade e a dinâmica da realidade brasileira no período. Cada uma tem um papel significativo na vida de Cazuza. Todas elas demonstraram que, num país como o Brasil, com uma imensidade de expansão e população, há disparidade no espaço físico e na prática pedagógica das escolas, na maneira como os professores atuam e no regimento das escolas. Essa evolução em relação às escolas que Cazuza frequentou também deixa claro o afastamento gradual do pequeno em relação ao meio rural para o meio urbano. Todas essas mudanças e descobertas foram tornando Cazuza um menino alegre (Penteado, 2002, p. 44).

Essa evolução nas escolas frequentadas por Cazuzza também reflete o afastamento gradual do meio rural para o meio urbano, evidenciando as mudanças e descobertas que moldaram o caráter do jovem. Nesse contexto, as palavras de Penteado (2002) ressoam, destacando como todas essas transformações contribuíram para forjar um Cazuzza cada vez mais alegre. Assim, a jornada do personagem revela não apenas as particularidades de sua própria trajetória, mas também serve como um espelho das transformações sociais e educacionais da época, sublinhando a complexidade e a riqueza da experiência maranhense. Os eventos marcantes na vida de Cazuzza foram fundamentais para as diferenças notáveis na caracterização que Viriato Corrêa fez das escolas de Coroatá e Pirapemas. Esses acontecimentos desencadearam mudanças que moldaram a distinção entre as duas instituições: enquanto na escola de Coroatá Cazuzza encontrou um ambiente mais acolhedor e liberado da rigidez e da disciplina excessiva, na escola de Pirapemas, ele estava submetido a uma realidade oposta. Essas experiências contrastantes ilustram como o tratamento recebido influenciou diretamente a forma como Corrêa caracterizou as instituições de ensino em sua obra (Ferro, 2010).

A análise revela que o método educacional baseado na violência física persistia na escola do povoado de Pirapemas, embora já estivesse proibido por lei. Isso destaca a importância de descrever as características da palmatória e compreender seu papel na cultura escolar. Esse método se destacava em exercícios como caligrafia e sabatina de tabuada, remetendo a práticas antigas desde os tempos do Brasil Colônia (1530-1822).

Essa análise não apenas reforça a complexidade das representações da vida escolar, mas também lança luz sobre a resistência à evolução educacional, delineando um panorama educacional marcado por práticas anacrônicas e questionáveis. A jornada de Cazuzza emerge como um microcosmo revelador das tensões e desafios enfrentados pelo sistema educacional maranhense da época, ressaltando a importância de revisitar essas narrativas para uma compreensão mais profunda da trajetória histórica e educacional da região.

A Parte II de Cazuzza permite uma análise mais aprofundada da dinâmica de socialização entre as crianças na narrativa. Especial atenção é dada às situações envolvendo a presença do circo de cavalinhos em Coroatá e o embate físico entre Bicho-de-coco e Basílio. Esses eventos evidenciam como as estruturas de percepção, memória, emoções, pensamento, linguagem, resolução de proble-

mas e comportamento se manifestaram de maneiras distintas, influenciadas pelo contexto cultural específico da vila de Coroatá (Ferro, 2010).

Na parte final, ambientada em São Luís, Cazusa e seus amigos refletem sobre os valores que receberam dos adultos, compreendendo as consequências de seus atos. (Ferreira 2022). O culminar a trama de “Cazusa” na cidade de São Luís, a narrativa proporciona uma reflexão profunda sobre os ensinamentos e valores que permearam a trajetória do protagonista e seus amigos ao longo da infância no Maranhão. O exame crítico dos legados dos adultos, especialmente evidenciado na última parte da obra, ressalta a relevância fundamental dessas experiências na construção das identidades dos personagens.

Essa introspecção, compartilhada por Cazusa e seus amigos, transcende as fronteiras da experiência escolar individual, oferecendo uma visão mais abrangente sobre a influência da sociedade na formação de valores morais. Ao encerrar em São Luís, destaca-se que as aprendizagens da infância reverberam ao longo da vida adulta, moldando perspectivas e atitudes. Essa reflexão profunda destaca a profundidade da obra de Viriato Corrêa, não apenas como um relato sobre a educação de Cazusa, mas como uma exploração mais ampla dos alicerces culturais e morais que permeiam a sociedade maranhense. No seu romance, Viriato Corrêa retrata os locais que marcaram sua infância e tiveram influência em sua vida, destacando as peculiaridades da região maranhense através de descrições da cidade, tradições e crenças, pois “a cidade está no homem/quase como a árvore voa/no pássaro que a deixa” (Gullar, 2004, p. 290-291).

Ao afirmar isso, Gullar (2004) sugere uma conexão intrínseca entre o indivíduo e o ambiente em que foi criado. Essa metáfora poética, ressalta como as experiências vividas na cidade se tornam parte integrante da identidade do homem, algo que o acompanha mesmo quando ele se afasta fisicamente desse lugar. A educação na Baixada Maranhense⁶, conforme evidenciado por Lacroix (1982), está intrinsecamente ligada às estruturas sociais e econômicas da região. Os estudos locais abordados nesse contexto, tanto no âmbito econômico quanto político e social, foram fundamentais para entender a trajetória educacional na Baixada Maranhense durante o período em análise, pois esta-

6 A Baixada Maranhense se localiza na região do entorno do Golfão Maranhense, e é formada por um relevo plano a suavemente ondulado com extensas áreas rebaixadas que são alagadas durante o período chuvoso, originando extensos lagos interligados, associados aos baixos cursos dos rios Mearim, Grajaú, Pindaré e Pericumã.

vam profundamente interligados com a complexidade da região. Nesse sentido, é plausível investigar como as especificidades e influências próprias da região maranhense permearam as experiências educacionais descritas por Viriato Corrêa. As tradições, crenças e características locais provavelmente exerceram um papel preponderante na formação das práticas pedagógicas, nas interações entre alunos e professores, bem como na construção das próprias narrativas provenientes do ambiente escolar.

Para Cazuzza, que ansiava pela cidade, São Luís simbolizava o universo inteiro: “A cidade! Para uma criança daquele tempo, ir para a cidade era qualquer coisa como ir para o céu. A cidade, para nós, era São Luís, a capital. Ao que pensávamos tudo que o mundo tinha de esplendente e de gracioso estava em São Luís” (Corrêa, 2011, p.151). A narrativa de Cazuzza ilustra a dicotomia entre uma infância feliz e as limitações educacionais do povoado. Ao explorar a vida do personagem no Maranhão, o livro expõe o contraste entre a felicidade de Cazuzza na infância e as restrições educacionais que enfrentava. Embora Cazuzza encontrasse alegria no povoado, a escola local carecia de recursos, apresentando uma estrutura física precária e um professor severo. Essas limitações educacionais acabaram por forçar a partida do menino de sua terra natal (Morais et al., 2022, p. 5). A infância de um indivíduo, frequentemente, é um período crucial que molda não apenas sua visão de mundo, mas também influencia suas futuras obras. No caso do autor Cazuzza, sua infância no Maranhão deixou marcas profundas em sua trajetória, refletindo-se em suas criações futuras. Como um jovem que cresceu em um ambiente rural, Cazuzza experimentou uma transição impactante quando chegou à cidade de São Luís, como descrito no trecho:

FOI NUM DOMINGO DE SOL, pela manhã, que chegamos a São Luís. Titia Calu, irmã de meu pai, que nos ia hospedar, veio buscar-nos a bordo, com o marido e o filho. Até hoje não pude fixar, com exatidão, a lembrança daquele dia. Parece que ainda estou atordoado. O mundo, acreditem, mudou inteiramente. O progresso tornou a vida tão veloz, que as crianças da atualidade não têm mais meninice. Aos seis anos já viram e já gozaram tudo, aos dez estão enfatiadas e velhas. No meu tempo, qualquer coisa era novidade. Uma caixinha de música, um soldadinho de chumbo, um revolverzinho de espoleta, um relóginho de brinquedo, faziam a felicidade de um menino. Eu, que vinha da roça, e que quase nada tinha visto, estava com a alma preparada para todas as emoções. São Luís, aos meus olhos, era o esplendor das cidades. (Corrêa, 2011, p.139)

O trecho em questão descreve o momento em que Cazuzza, ainda criança, chegou à cidade de São Luís, no Maranhão, em um domingo ensolarado. Ele estava acompanhado de sua tia Calu, que o receberia em sua casa, juntamente com seu marido e filho. Cazuzza relata sua dificuldade em fixar com precisão as lembranças desse dia, sugerindo que o impacto da chegada à cidade foi tão profundo que o deixou atordoado.

Durante esta pesquisa, ficou evidente que a literatura, especialmente a obra 'Cazuzza', desempenha um papel intrínseco na compreensão histórica. O trabalho de Viriato Corrêa transcende a mera ficção, transformando-se em uma ferramenta valiosa para desvendar a cultura, visões de mundo e dinâmicas sociais que permeavam o Maranhão. Ao entrelaçar várias vozes e experiências, a narrativa de Cazuzza se torna um espelho fiel da realidade cultural da época, capturando nuances e detalhes que muitas vezes escapam das abordagens históricas tradicionais. Incorporar essa reflexão à conclusão enfatiza a importância da literatura como testemunha e intérprete das complexidades sociais, enriquecendo assim nossa compreensão da sociedade maranhense no período estudado.

A reflexão de Corrêa (2011) evidencia as transformações ao longo do tempo na infância e na vida das crianças. Ao comparar sua própria experiência infantil, em que simples brinquedos como caixinhas de música ou soldadinhos de chumbo eram fonte de grande felicidade, com a realidade das crianças atuais, expostas a um ritmo de vida mais acelerado e à ampla gama de estímulos desde muito cedo, ele ressalta as mudanças significativas no cenário infantil.

Ao abordar sua própria experiência de infância e ressaltar a simplicidade dos brinquedos que proporcionavam grande felicidade, ele estabelece um contraste marcante com a realidade das crianças contemporâneas. Não apenas as influências regionais, mas também as mudanças sociais e culturais que moldam as experiências educacionais no interior do Maranhão.

Além disso, o contraste entre as experiências de Viriato Corrêa e as realidades contemporâneas ressalta a necessidade de compreender como a evolução da infância pode afetar as representações da vida na escola. Levando em consideração as transformações destes necessários na educação brasileira e os embates entre diferentes abordagens, sugere-se a investigação das representações escolares presentes em Cazuzza. Na obra de Viriato Corrêa, são destacadas três instituições de ensino: a escola localizada no Povoado, a escola na Vila e a escola na Capital. Ferro afirma que, naquele momento, a escola se firmava como

instituição social cabível à formação do público infanto-juvenil, responsabilizando-se pela condução de aprendizagem de condutas e saberes (Ferro, 2010).

Segundo Ferro (2010) adentrar na análise das escolas do personagem, é possível perceber a implantação de um novo modelo pedagógico e mesmo a permanência de determinados aspectos que se pretendia suplantar. Portanto, em lugar de crítica ou de valorização das formas de ensinar, aprender e viver o ambiente escolar, a busca neste capítulo será compreender as práticas escolarizadas que Viriato Corrêa traz para a sua narrativa e se constituem na cultura escolar que pretende defender e também criticar.

Ao mergulharmos nas representações da vida na escola no interior do Maranhão, acompanhando os percursos de Cazuzá, é possível perceber que as escolas não são simplesmente estruturas físicas, mas verdadeiros “lugares” de memórias. Ferro (2010) destaca que tais espaços não apenas testemunham o desenvolvimento individual, mas também se entrelaçam à memória social, refletindo-se nas rotinas diárias e na continuidade ao longo do tempo. As reminiscências desses locais educacionais são fundamentais para a compreensão da cultura escolar em “Cazuzá”.

Segundo Ferro (2010) a trajetória de Cazuzá pelas três instituições escolares, cumpre, ao final da narrativa, o papel de formar um novo homem – apto ao trabalho, respeitador das autoridades e conhecedor da noção de pátria. Viriato Corrêa faz, neste sentido, a sua crítica ao sistema educacional que vigorou no país alinhado ao Império, baseado na autoridade e no caráter punitivo, e propõe outro que proporcionasse regozijo e satisfizesse o espírito infantil, colocando-se a favor da criança e não contra ela.

Não raro, como foi possível observar até aqui, os locais em que vivemos e pelos quais passamos se tornam personagens na narrativa de nossas lembranças. Se eles foram vistos na infância, então aparecem nas recordações envoltos por uma nuvem de nostalgia e um olhar infantil, que a tudo dá imenso valor porque a tudo parece experimentar pela primeira vez (Bachelard, 1996).

Dessa forma, percebemos uma perspectiva valiosa para a compreensão da relação entre o espaço geográfico, as memórias individuais e as experiências educacionais, destacando como a cidade, entendida como um conjunto de vivências e influências, se entrelaça à narrativa do autor, deixando uma marca indelével em sua visão de mundo e, por extensão, na representação da vida na escola.

A importância dos lugares em que vivemos e pelos quais passamos se revela significativa em nossas memórias. Quando esses lugares são vivenciados na infância, tornam-se parte integrante das nossas lembranças, imbuídos de uma aura de nostalgia e visão infantil. Este fenômeno ocorre porque, na infância, tudo parece ser experimentado pela primeira vez, conferindo a esses locais um valor imenso em nossas recordações. Destaca-se como as experiências da infância moldam como lembramos e valorizamos os lugares ao longo de nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua longa vida, Viriato Corrêa deixou um legado que transcende a literatura, abrangendo contribuições nas esferas literárias, teatrais, jornalísticas, além de ter sido objeto de atenção em correspondências e recortes de jornais. A riqueza de suas realizações e a multiplicidade de suas expressões artísticas e intelectuais impuseram-nos o desafio de explorar um corpus documental significativo.

Ao percorrer as páginas da obra “Cazuza” de Viriato Corrêa, mergulhamos em uma narrativa rica em nuances que revelam as representações da infância e da escola no contexto maranhense. O autor, habilmente, conduz o leitor pelos diferentes cenários da vida de Cazuza, proporcionando uma visão ampla das transformações pelas quais a personagem e a sociedade circundante passam.

Através dessa jornada literária, podemos vislumbrar não apenas a singularidade das experiências de Cazuza, mas também a reflexão profunda sobre a dinâmica da educação e da infância na época retratada. As três escolas apresentadas na obra não são apenas espaços físicos, mas representações simbólicas de diferentes fases do desenvolvimento de Cazuza e, por extensão, da própria sociedade maranhense. No que concerne à sua educação formal, podemos afirmar que cada local onde ele residiu temporariamente se tornou um capítulo distinto em seu desenvolvimento. À medida que vivenciava novas experiências, Cazuza adquiria novas perspectivas e abordagens diante de várias situações.

Ao confrontar as práticas pedagógicas da escola do povoado de Pirapemas com a escola da vila de Coroatá e, finalmente, com a escola na capital São Luís, testemunhamos não apenas a evolução do protagonista, mas também a metamorfose do sistema educacional em si. Desde a rigidez e disciplina excessiva até a busca por um ambiente mais acolhedor e livre, cada escola reflete as mudanças sociais e culturais que marcaram a história maranhense. O percurso do

protagonista reflete uma transição marcante, saindo de um ambiente permeado por rigidez e disciplina excessiva para ingressar em um espaço mais acolhedor. O contraste entre essas duas experiências educacionais é revelador não apenas das vicissitudes individuais de Cazuzo, mas também das nuances mais amplas da educação brasileira na época. Portanto, a trajetória de Cazuzo, delineada por Viriato Corrêa em sua obra, não é apenas uma narrativa individual, mas uma representação mais abrangente das complexidades da educação no contexto maranhense.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CAVALCANTE, Vanessa Matheus. O teatro de Viriato Corrêa: uma escrita da História para o povo brasileiro. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens culturais)- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

CORRÊA, Viriato. **Cazuzo**. 42. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2011

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo. 2006.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuzo e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. A Lei de Terras (1850) e a abolição da escravidão: capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX. **R. História**, São Paulo. 120, p. 153-162, jan/jul. 1989.

GULLAR, Ferreira. Poema sujo. *In*: **Toda poesia**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

LACROIX, Maria de Lourdes L., **A educação na baixada maranhense 1822/1889**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1982.

MEIRELLES, Mário. **História do Maranhão**. São Luís: FUNC, 1955.

MONTELLO, Josué. **Diário Completo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

MORAIS et al. Cazusa: reflexões memorialísticas sobre os lugares de afeto. **Letras em Revista**, Teresina, v. 13, n. 02, jul/dez. 2022.

PENTEADO, A. Elisa de Arruda. A leitura de formação e cidadania nos anos 1930: Cazusa de Viriato Corrêa. **Revista de Estudos de Educação**. São Paulo, ano 4, n. 2, p. 41-49, 2002.

PINTO, Hércules. **Viriato Corrêa a modo de biografia**. Rio de Janeiro: edição do autor, 1966.

SANTOS, Zâmbia Osório dos. **Um olhar sobre a infância de Graciliano Ramos: reflexões**. 2014. 45 f. TCC (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VIVEIROS, Jerônimo. **História do comércio do Maranhão**. ed. Associação comercial do Maranhão. São Luís. 1954.